



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

5963 - Trabalho Completo - XIII Reunião Científica da ANPEd-Sul (2020)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 12 - Filosofia da Educação

### PERSPECTIVAS E POSSIBILIDADES DE FORMAÇÃO: DAQUELES QUE ALTERARAM A DIREÇÃO DO NOSSO OLHAR

Lucia Schneider Hardt - UFSC- Universidade Federal de Santa Catarina

Carolina Votto Silva - UFSC- Universidade Federal de Santa Catarina

#### **PERSPECTIVAS E POSSIBILIDADES DE FORMAÇÃO: DAQUELES QUE ALTERARAM A DIREÇÃO DO NOSSO OLHAR**

O texto na forma de ensaio, tem como objetivo discutir como o papel da mulher é retratado na filosofia de Nietzsche e na literatura de Virginia Woolf. Nossa tese é que, em parte também Nietzsche ficou capturado por seu tempo, apesar de toda sua condição extemporânea em tantos outros temas. A escuta da voz feminina, neste caso Virginia Woolf potencializa uma outra tese na qual a afirmação e negação materializam-se por meio dos circuitos de produção e transformação de valores. A pesquisa realizada por meio de uma revisão bibliográfica alcança por fim um ponto comum entre o filósofo e a escritora: a alteração de valores implica não ser excessivamente filho de seu tempo, e todo humano, cada um a seu modo, deixa um rastro de sucesso e fracasso nesta trajetória. Concluímos e defendemos que a educação efetivamente forma quando interpreta, discute e recria as pegadas daqueles que alteraram a direção de nosso olhar.

Pretendemos, nesse texto, refletir sobre como cada pensador movimenta-se em seu tempo. Por vezes contra seu tempo. Tantas vezes capturado por seu tempo. Parece que ninguém escapa de carregar em seu corpo rastros de uma cultura. Dificilmente um pensador consegue ser totalmente extemporâneo, ainda que em algumas circunstâncias faça esse exercício com maestria. Nada disso tira de um pensador seu valor, a nosso ver cabe aos leitores, privilegiados por um processo de formação/educação, ler e pensar sobre os textos, dar a eles, se possível, a leveza que merecem, bem como perceber fragilidades e limites do legado que recebemos. Separar a obra do seu autor. Não nos cabe sentenciar autores, excluí-los quando se distanciam de nossas próprias convicções. Cabe já anunciar que certamente nossa indagação sobre eles, da mesma forma, está inserida em um tempo e designa determinadas preferências, desejos e de certa forma fazem ecoar determinados ruídos. No caso deste texto, somos mulheres e professoras, curiosas sobre a trajetória de intelectuais e seus recortes, sem nenhuma pretensão de julgamento e/ou constituição de discurso panfletário; contudo, com uma certa determinação: o que, afinal, impediu em determinados períodos de nossa história mostrar a relevância intelectual das mulheres?

Nesse texto selecionamos de forma singela e parcial pesquisas já consagradas sobre o tema para aproximar Nietzsche e Woolf. Ela, em seu texto, coloca luz em uma falta - a ausência da mulher na literatura e em tantos outros espaços sociais; ele, ao fazer filosofia,

insere múltiplas descrições por vezes até contraditórias sobre as mulheres e nos indaga, por fim, como compreendê-las.

Desejamos interpretar com criticidade os contextos culturais de diferentes autores para aprender a escavar os terrenos onde também nós estamos enraizados, para entender qual alteração de olhares e perspectivas ainda nos ensinam a pensar.

Está em jogo ampliar o horizonte formativo para formar espíritos criativos, inventivos, livres, curiosos; jamais espíritos raivosos e obcecados. Quando Virginia Woolf escreve *Um teto todo seu*, ela descreve com cuidado e sutileza o que impediu as mulheres de escrever em seu tempo. Tem a ver com um teto, autonomia financeira, singularidade, valor. Acompanhando esta análise, o texto pretende reunir algumas respostas já consagradas sobre como Nietzsche aborda o tema das mulheres e do feminino, destacando a ênfase psicológica, filosófica e até biográfica. Nesta trajetória, encontraremos intensidades, tipologias variadas, até mesmo eventuais paradoxos. A arte de indagar, de acompanhar um autor, para entrar em acordo, disputar, guerrear com eles ou ela, é por excelência uma atividade pedagógica. Possível de ser realizada em muitos âmbitos, considerando toda a amplitude dos currículos formativos.

Segundo Marton (2010), a condição feminina em Nietzsche efetiva-se criando tipologias, pois não existia nenhuma ambição de discutir a mulher em sua essência. Assim, “no livro *Gaia Ciência*, ele não vai fazer considerações sobre as mulheres em geral; mas, ao contrário, irá dedicar-se a perscrutar diferentes imagens do feminino”, (p. 174), diferentes tipos de mulheres. Isso é coerente com seu projeto filosófico, que ao enfrentar a metafísica e seu dogmatismo, questiona e desmonta a possibilidade de que existam verdades plenas sobre qualquer tema. A ciência, inclusive, desejando diferenciar-se da metafísica, acaba por inspirar-se também em uma vontade de verdade, e o filósofo nos alerta sobre isso. Assim, Nietzsche, ao descrever as mulheres ou referir-se a outros temas, tem o firme propósito de afastar-se de definições absolutas, mas percorrer a vida e suas efetividades; assim, ele apresenta “mulheres procriadoras, dóceis, obedientes, mas também arrogantes, vingativas, volúveis” (MARTON, 2010, p. 175). Nietzsche:

recorre à tipologia de várias maneiras. Dela ele se serve para examinar diferentes tipos de mulheres a partir de suas motivações de ordem psicológica, ou seja, de seus impulsos, afetos e pulsões – e igualmente diferentes tipos de homens. A ela recorre para diagnosticar diferentes imagens do feminino a partir das imagens que os homens constroem das mulheres – mas também diferentes imagens de homens a partir de certa imagem que eles próprios construíram das mulheres (MARTON, 2010, p. 175).

Recusando o dogmatismo, perseguindo sua genealogia, Nietzsche em sua obra pretende outra lógica e deseja expor a singularidade e a diferença, avaliando diferentes tipos. Em sua luta contra a verdade essencial, ele inclusive compara a verdade à mulher e Marton (2010) compartilha sua análise:

Ao recusar o perspectivismo, os filósofos dogmáticos ignoram que o pudor é a virtude feminina por excelência. Incautos, eles querem tudo ver. Sem constrangimento, contam despir a mulher com os olhos; sem embaraço,

esperam desnudar por completo a verdade (2010, p. 177).

Assim, a verdade que é mulher não será decifrada totalmente e jamais poderia ser vinculada a um sistema dogmático, pois não consente em entregar-se a ele. Até aqui devemos estabelecer e apontar um paradoxo: existe uma contradição entre a aparente misoginia de Nietzsche e os aspectos de sua filosofia, esta última voltada para a crítica de toda a sociedade, cultura e moral. Para tanto, será necessário considerar até que ponto a misoginia afetou seu pensamento, e se em parte “o sistema de tipologias relativiza e demarca sua misoginia denotando uma misoginia pessoal, mas não filosófica” (BARBOZA; SILVA, 2014, p. 1402).

Em Nietzsche, precisamos também entrelaçar e confrontar a mulher e o feminino, como abordagens que se diferenciam em alguns momentos. Segundo Barboza e Silva (2014):

Se o masculino leva ao niilismo e o feminino à arte, conhecemos a opção nietzschiana pelo feminino. Mas até que ponto ele exclui a mulher do feminino? Por fim, as considerações finais, voltadas a um olhar nietzschiano fora da misoginia, isto é, sugerir uma reinterpretação de seu pensamento descartando o viés pessoal de seus preconceitos, perspectiva esta que pode se tornar valiosa para repensar a mulher de modo a contribuir para sua emancipação dos preconceitos morais (p. 1402).

Na *Gaia Ciência*, Nietzsche refere-se muitas vezes às mulheres com alternativas e afirmações muito variadas, jogando com os significados que a própria sociedade acolheu. No aforismo 60, refere-se às mulheres e ao efeito que causam a distância:

De todos os lados chegam gritos, ameaças, uivos, gemidos, enquanto nas profundezas o velho abalador da terra canta sua ária, no tom surdo de um touro que muge: ele bate os pés num compasso tão abalador, que mesmo esses derruídos monstros de rocha sentem tremer o coração. De repente, como que vindo do nada, ante o portão desse labirinto infernal, distante apenas algumas braças – surge um grande veleiro, deslizando silene como um fantasma. Oh, que beleza espectral! [...] teria o ruído me levado a fantasias? Todo grande ruído nos leva a pôr a felicidade na quietude e na distância. Quando um homem se acha no meio de *seu* ruído, em plena rebentação dos seus planos e projetos, pode ver passar, deslizando à sua frente, calmos seres encantados, cuja felicidade e reclusão ele anseia para si - *são as mulheres* (NIETZSCHE, 2001, p. 97-98).

Nietzsche segue em seu texto dizendo que junto às mulheres habita seu “eu melhor”; porém, os ruídos do veleiro deslizando vão revelando um alarido, turbulências e parece que de fato o maior efeito das mulheres ocorre a distância! Afinal, o que tudo isso pode nos dizer? A referência à distância revela uma certa incapacidade de viver a proximidade? Na esteira desta compreensão, entra em cena Virginia Woolf e sua busca por entender a ausência das mulheres no meio literário. Em momentos diferentes de sua trajetória literária, aponta um desejo quase insistente em torno da pergunta: como seria possível produzir uma educação que permita a

constituição de pessoas boas e bons livros? Principalmente uma instrução que permita às mulheres serem respeitadas como sujeitos inventivos e partícipes de seu tempo.

A obra da escritora *Um teto todo seu* se insere no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, ou seja, ela recebe toda a influência das transformações artísticas, literárias e filosóficas da modernidade. Mesmo sem ter tido a oportunidade de estudar em um espaço tradicional de ensino, foi educada pela mãe Julia Stephen, uma leitora assídua que falece no início da adolescência da escritora, um corte, uma marca profunda no desenvolvimento subjetivo de Virginia. Uma família tipicamente vitoriana, que permitiu que as mulheres da família tivessem acesso à leitura, às belas artes, à música e ao contato com a intelectualidade da época, mesmo assim nem Virginia Woolf e nem sua irmã Vanessa Bell (artista plástica que participou do movimento Bloomsbury) tiveram acesso à vida acadêmica. Na obra *Um teto todo seu*, de 1928, um ensaio apresentado pela escritora em duas universidades inglesas para mulheres, com a temática “As mulheres e a ficção” nos interessa aqui particularmente. A partir dessa apresentação de uma mulher que não teve a oportunidade de frequentar um espaço acadêmico, duas questões começam a ser fortemente desenvolvidas por Virginia Woolf: primeiro, o acesso ao conhecimento para o mundo feminino, que só se desenha a partir de uma condição econômica independente das relações patriarcais. O segundo de que para isso é preciso construir um projeto estético formativo para comunicar ao mundo. E aqui, talvez, Virgínia seja uma herdeira das ideias nietzschianas quando questiona sobre o peso da cultura e o que significam os valores para uma sociedade patriarcal.

Nada no mundo pode tirar de mim as quinhentas libras que me pertencem. Comida, casa e vestimenta são minhas para sempre. Portanto, não somente cessam o esforço e o trabalho, mas também o ódio e a amargura. Não preciso odiar homem nenhum; eles não podem me fazer mal. Não preciso bajular homem nenhum; eles não tem nada para me dar. Assim, imperceptivelmente, vi-me adotando uma nova atitude em relação à outra metade da raça humana. Era absurdo culpar qualquer classe ou qualquer sexo por si só. Os grandes grupos de pessoas nunca são responsáveis pelo que fazem. São guiados por instintos que não estão sob o seu controle. Também eles, patriarcas, os professores, tinham dificuldades sem fim, obstáculos terríveis para combater. A sua educação também tinha sido em alguns aspectos tão falha quanto a minha. Deixara neles grandes defeitos também. Verdade eles tinham dinheiro e poder, mas a custa de aninhar no peito, uma águia, um urubu, pois para cada fígado rasgado e pulmão arrancado... o instinto de possuir, a fúria de adquirir e os bens de outras pessoas permanentemente; estabelecer fronteiras e bandeiras; navios de guerra e gases venenosos; oferecer a própria vida e a vida dos filhos (WOOLF, 2014, p. 58).

Virginia apresenta, com sua estética lírica e sensível, indagações profundamente caras ao campo da formação humana, quando denuncia que as mulheres são estes outros excluídos do campo da cultura, por não terem condições materiais de inventar uma vida artística e carregada de experiências. Ao mesmo tempo, observa que aos homens, em certa medida, também não lhes é dada essa liberdade quando estes são reféns de uma educação que orienta para a barbárie no tocante às guerras ou de uma impossibilidade de terem contato com os seus sentimentos.

Existe uma preocupação que permeia toda a extensão dessa obra e dos pensamentos literários da artista, neste período, que é pensar como seria possível construir uma sociedade

pacífica e justa através da inserção das mulheres a uma formação humana crítica e inventiva? Incluir as mulheres como um outro, diferente do olhar dos homens: “embora vejamos o mesmo mundo, nós os vemos com olhos diferentes” (WOOLF, 2019, p. 148). Esse olhar diferente, que incide da importância de uma educação que leve em consideração o exercício de uma alteridade radical, faz com que a escritora dê uma resposta estética e política às questões que assolavam o seu tempo, como: patriotismo, guerra, amor, honra, gratidão, fidelidade, dever. Como essas esferas se apresentam diferentes para as mulheres quando elas precisam ter uma instrução, isso, segundo Woolf, não as levariam a compactuar com práticas de desumanidade e poderiam alçar voos tão brilhantes quanto um Shakespeare ou um Mozart.

Se a filosofia de Nietzsche pretendeu destacar a ambiguidade e a obscuridade em seu tempo, há que se reconhecer que ele próprio também não decifrou todas essas derivações em si mesmo, e nem poderia. Afinal, o que ele mesmo carrega enquanto peso pela sua condição de homem? Sua luta maior foi filosófica, romper com a ideia de essência e fundamento, dissolver o desejo de verdade. Indagava-se com frequência: de onde vem o instinto de verdade? Não existe a verdade, existem acordos gregários a respeito da verdade. Com mais relevância, afirma:

Ainda não sabemos donde provem o impulso a verdade: pois, até agora, ouvimos falar apenas da obrigação de ser veraz, que a sociedade, para existir, institui, isto é, de utilizar as metáforas habituais; portanto, dito moralmente: da obrigação de mentir conforme uma convenção consolidada, mentir em rebanho num estilo a todos obrigatório. O homem decerto se esquece que é assim que as coisas se lhe apresentam; ele mente, pois, da maneira indicada, inconscientemente e conforme hábitos seculares - e precisamente por meio dessa inconsciência, justamente mediante esse esquecer-se, atinge o sentimento da verdade (NIETZSCHE, 2008, p. 36-37).

Ao desejar dissolver a verdade, também o conceito de homem, assim como o de mulher, se dissolvem, tudo é devir. Será legítimo afirmar que, em Nietzsche, suas descrições sobre a mulher não cabem dentro do conceito de misoginia? Conforme afirmam Barboza e Silva (2014):

Nietzsche talvez tenha percebido, mais que todos em seu tempo, que a mulher foi submetida ao “tu deves”, uma construção filológica com implicações práticas, o nascimento de uma cultura se dá a partir das significações que ela dá ao mundo, a significação dada às mulheres sempre (ou na imensa maioria das vezes) partiu do olhar masculino se impondo como vontade dominante, criando um papel e um ser social inferiorizado ou secundário para a mulher. A partir de ideais masculinas, a imagem da mulher foi sendo lapidada (2014, p. 1405).

Mas a sociedade também estabeleceu um “tu deves” aos homens, que como diz Woolf, colocou-os em uma situação superior, o que em grande medida reduziu o espaço de atuação da mulher na sociedade. No entanto, também conferiu aos homens o cerceamento de sua subjetividade, ao serem devotados ao militarismo e a guerra. Ainda assim, o tema da

igualdade em Nietzsche é expressão da decadência de uma cultura e nessa trajetória a mulher desejar sua emancipação para tornar-se igual ao homem é absolutamente decepcionante para ele, uma vez que abandonaria suas características femininas para igualar-se. Para Nietzsche as mulheres deviam conservar sua feminilidade, rejeitar direitos iguais aos dos homens, uma vez que são direitos estéreis subsumidos por uma moralidade medíocre.

Entre a imagem da mulher e do feminino, existe um jogo cheio de nuances, pois as duas imagens não necessariamente se correspondiam. Acrescentaríamos ainda a imagem do masculino, em Nietzsche circunscrito pela vontade de sistema e assim voltado para a norma, regra e poder. Em seus textos, em várias circunstâncias, ao deslocar o olhar para outra direção, sugere uma dimensão feminina, mais imprevisível, inesperada e fluída. Barboza e Silva (2014) chegam a afirmar:

Ao que parece, se eliminarmos a misoginia nietzschiana do contexto temos um pensamento quase feminista, isto é, considerando estes pontos: a) não existe verdade ou essência, tudo é devir e interpretação, logo, homens e mulheres não existem em si, são construções da cultura, portanto a mulher como inferior é mera ideia, preconceito, nunca uma verdade mesma. b) a divisão masculino/feminino, enquanto metáfora para um impulso niilista e um impulso afirmativo de criação, respectivamente, denotam o feminino como postura saudável em relação ao masculino, por sua vez sintoma de uma doença da cultura patriarcal européia e de culturas europeizadas subjetivamente. Logo, a dimensão feminina aparece como espécie de cura para a postura negativa diante da existência, o sim à vida e, uma vez que não existem homens e mulheres em si, ela é livre a todos os indivíduos (2014, p. 1410).

Se a verdade não existe, seguindo o projeto filosófico de Nietzsche, e em parte essa verdade poderia ser comparada com a mulher, está no feminino um combate ao que é doutrinário, ela abriga em si recursos e estratégias que estão fora do alcance da razão e de um suposto poder. Bastaria acompanhar outras tantas histórias de mulheres ao longo do tempo. Segundo Marton (2010):

Criticando os “filósofos dogmáticos”, Nietzsche exalta pelo mesmo movimento a mulher que não consente em entregar-se a eles. Se recorre à comparação entre a verdade e a mulher para atacar a concepção de verdade presente na “filosofia dogmática”, é bem possível que se sirva dessa mesma comparação para introduzir outra concepção de verdade (p. 177).

Se em nosso trabalho de leitura e interpretação das obras de intelectuais conseguirmos focar nossa atenção em suas indagações e em seus projetos, sejam eles filosóficos ou literários, em parte suspendemos suas trajetórias pessoais, mergulhadas em múltiplas contradições. Não se trata de omitir, nem deixar de refletir sobre elas, mas decidir a que podemos dar prioridade quando o que desejamos implica estudar, pensar, criar e cavar espaços mais dignos nas instituições educativas para alargar espaços de formação que destituam a naturalização dos pensamentos e ações. Tanto Nietzsche quanto Virgínia Woolf se ocuparam em suas vidas de pensar a formação humana como possibilidades de transformar

uma cultura.

**Palavras-chave:** Formação. Mulher. Educação. Nietzsche. Virginia Woolf.

## Referências

BARBOZA&SILVA. **Nietzsche, a mulher e o feminino.** Considerações acerca do espírito livre nas relações de gênero. 2014. Disponível em: <http://paradoxzero.com/zero/redor/wp-content/uploads/2015/04/2286-4599-1-PB.pdf>. Acesso em 28/05/2020.

MARTON, Scarlet. Da realidade ao sonho: Nietzsche e as imagens da mulher. **Estudos Nietzsche**, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 161-179, jan./jun. 2010.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência.** São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. Sobre verdade e Mentira. São Paulo: HEDRA, 2008.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu.** 1ª ed. São Paulo: Ed. Tordesilhas. 2014.

WOOLF, Virgínia. **As mulheres devem chorar ou se unir contra a guerra: patriarcado e militarismo.** 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.